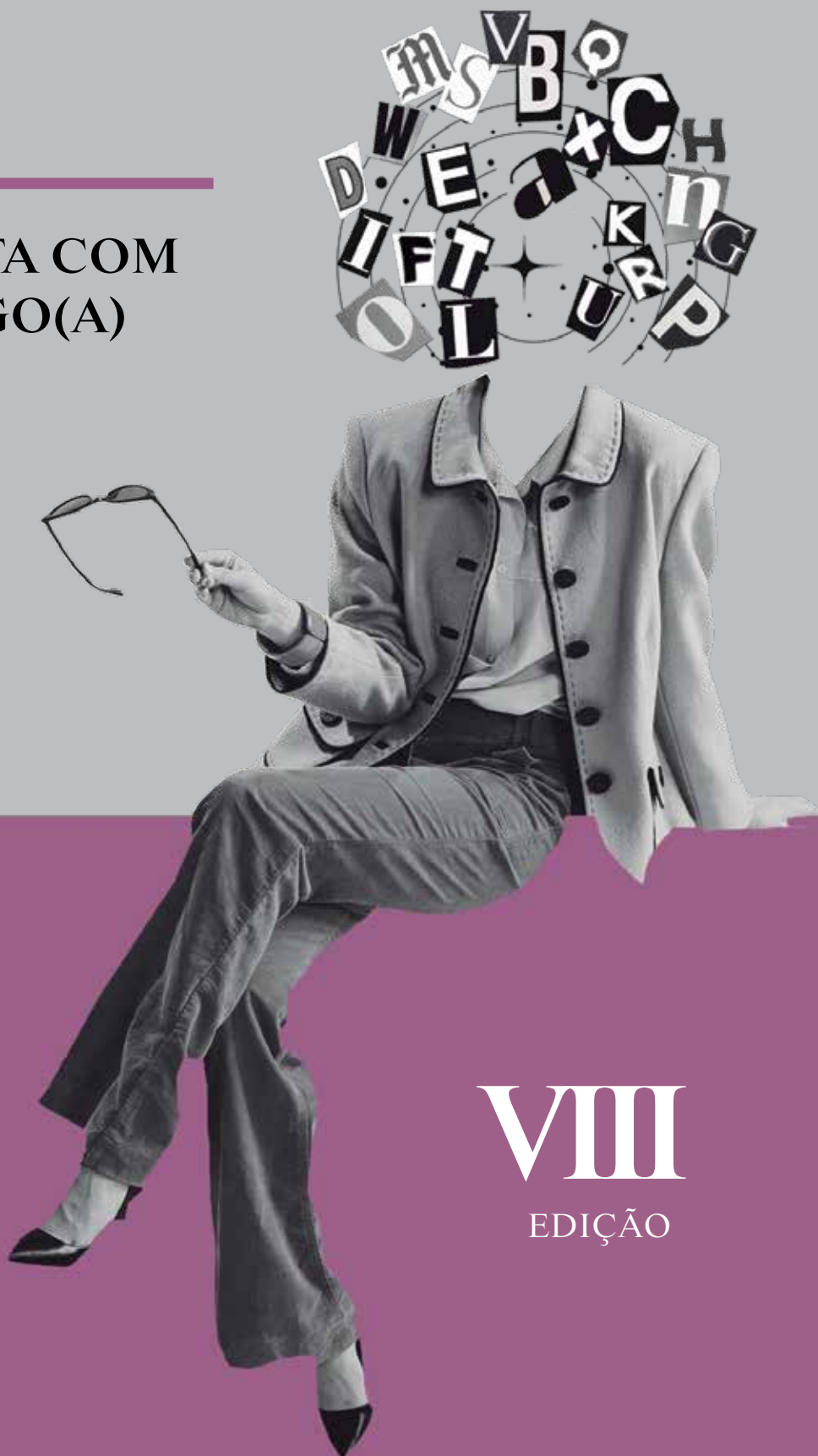


MUSEOLOGIA

EM FOCO

V.1, N. VIII - SET. 2025

#1 ENTREVISTA COM
MUSEOLÓGO(A)



VIII
EDIÇÃO

REVISTA DO CONSELHO REGIONAL DE MUSEOLOGIA
5ª REGIÃO PR/SC

© 2025 Corem 5R

MUSEOLOGIA EM FOCO

Revista do Conselho Regional de Museologia 5ª Região PR/SC

DIRETORIA EXECUTIVA (Gestão 2022-2025)

Presidente
Franciele Maziero

Vice-presidente
João Paulo Corrêa

Secretária
Denize Gonzaga

Tesoureira
Fernanda Cheffer Moreira

Conselheiros(as) titulares
Denize Gonzaga
Fernanda Cheffer Moreira
Franciele Maziero
João Paulo Corrêa
Marcella Monteiro Borel
Letícia Oracilda Acosta Porto

Conselheiro suplente
Luan da Rosa Pacheco

EXPEDIENTE

Edição
COREM 5ª REGIÃO PR/SC

Coordenação
Franciele Maziero - presidente

Projeto gráfico e diagramação
Denize Gonzaga

Edição e revisão textual da entrevista
Denize Gonzaga

Concepção de capa
Denize Gonzaga

Transcrição da entrevista e ISSN
Fernanda Cheffer

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Elaborado pelo Bibliotecário Douglas Lenon da Silva (CRB-1/3655)

M986 Museologia em foco: revista do Conselho Regional de Museologia 5ª região PR/SC [Recurso eletrônico] / Conselho Regional de Museologia 5ª região (COREM5R), v. 1, n. 8 (Entrevista com museólogo(a)) - Florianópolis, SC: COREM5R, 2025-.

Mensal

ISSN: 3085-8623

1. Museologia. 2. Museus. 3. Museus - Periódicos. I. COREM5R.

CDU 069

COREM 5R - AV. MAURO RAMOS, 1344 - FUNDOS - CEP 88020-320 - FLORIANÓPOLIS/SC

As falas dos entrevistados são de sua inteira responsabilidade.

Apresentação

Em 2024, a Lei Federal n.º 7.287/1984, que regulamentou a profissão de museólogo no Brasil, completou 40 anos, mais precisamente no dia 18 de dezembro, data em que se comemora o Dia do Museólogo. Foi um ano mais que especial para todos os profissionais de Museologia do país e, sobretudo, para todos aqueles que lutam pela profissionalização dos museus e espaços de memória, e principalmente pela valorização da profissão.

Em comemoração a esses 40 anos, o COREM 5R realizou o projeto “Live com Museólogo”, por meio do qual foram entrevistados diversos(as) museólogos(as) registrados(as) e atuantes no Conselho. Ao todo, foram realizadas 10 *lives*, que culminaram em entrevistas que serão reunidas nesta publicação ao longo de 2025, tornando-a fonte de pesquisa, de estudo e informação a trabalhadores, estudantes e interessados. Mas, mais do que um aporte técnico e institucional, esta revista tem como principal objetivo disseminar o conhecimento e atuação dos(as) nossos(as) registrados(as) nos diversos museus de nossa jurisdição.

As entrevistas foram realizadas com museólogos(as) de diferentes campos da Museologia, desde Gestão Estratégica até Comunicação Museológica, passando pelo olhar educativo dos museus e o seu papel como instituições de pesquisa e ciência.

Estamos muito felizes que chegamos a 8.^a edição com a entrevista na íntegra com a museóloga Silvana Silva de Souza. Agradecemos a todos(as) que aceitaram o convite; a todos(as) que deram o suporte necessário e contribuíram com seus conhecimentos para que esta publicação se tornasse realidade e a todos que nos assistiram e nos acompanham no Instagram. Desejamos que todos os assuntos e informações sobre a área aqui tratados sejam úteis para todos(as) que se interessam por Museologia.

Publicaremos mais duas edições até o final de 2025 com esta proposta e, em 2026, teremos novidades na revista. Acompanhem-nos nas redes sociais. Boa leitura! ■

ENTREVISTA COM MUSEÓLOGO(A)

SILVANA SILVA DE SOUZA



... eu vejo notícia de às vezes o museu não ter uma equipe fixa, mas já ter um plano museológico; às vezes ele não ter nem a sede, nem acervo, mas já ter o plano museológico. Que é esse museu pensado por gestores ou gestões que não estão realmente plenamente conectados com o que é o fazer museológico e com a responsabilidade que é ter um museu criado na sua cidade. Todo mundo quer um museu como um convescote, uma festa, mas depois da inauguração, o museu vai ficar lá, vai continuar a ter necessidades. E o que fazer com isso?

Silvana vive em Tubarão/SC. Museóloga do Museu Ferroviário de Tubarão, é graduada em Museologia pelo Centro Universitário Barriga Verde (UNIBAVE) e especialista em História da Arte pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Atua na área da Cultura e Artes como contadora de histórias, atriz e diretora de teatro.

Franciele Maziero | Boa noite a todos.

Silvana Silva de Souza | Oi, tudo bom? Boa noite.

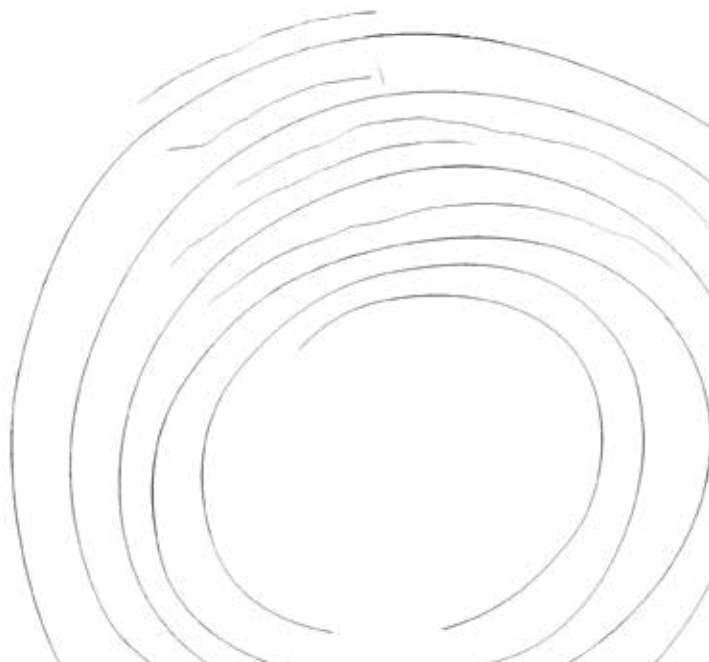
Franciele | Boa noite a todos. Quem não acompanha a *live* agora ao vivo pode depois acompanhar, assistir, comentar e compartilhar. Esta é a *live* de outubro, uma *live* que tem uma homenagem ao mês do Outubro Rosa. Por isso nosso card foi rosa, pra prestar nossa homenagem a todas as mulheres para que exista prevenção do câncer de mama e de todas as outras doenças. Então, agradeço a você ter aceito o convite do Corem 5R. É sempre uma correria pra bater as agendas e conversar com os museólogos. Que bom que deu certo de você tirar uma horinha da sua vida pra poder falar com a gente. Então, novamente, agradeço e gostaria de iniciar pedindo pra você falar o seu nome, onde se formou, onde mora.

Silvana | Boa noite a todos. Pra mim é um prazer estar aqui fortalecendo a rede de museólogos e, sobretudo, da atuação museológica aqui na nossa 5ª Região, que abrange Paraná e Santa Catarina. Eu falo de Tubarão, no sul do estado de Santa Catarina. Meu nome é Silvana Silva de Souza. Eu sou formada desde 2013 pela Unibave [Fundação Barriga Verde], que fica aqui pertinho da nossa cidade, em Orleans/SC. Ela foi a terceira escola de Museologia a começar as suas atividades de formação museológica. E, graças a Deus, hoje nós temos cursos de Museologia espalhados por todo o Brasil. Mas quando a gente começou — eu e a Franciele somos da mesma turma, estudamos juntos, fizemos pesquisa juntas — a realidade do campo museológico e museal no Brasil e, sobretudo, em Santa Catarina era um pouco, senão muito diferente do que a gente tem hoje. Eu já estou no Museu Ferroviário de Tubarão especificamente há 11 anos como museóloga. Então desde que eu me formei, eu me formei já entrando direto pra instituição, que eu acho que é algo também inédito ou muito difícil de acontecer. Fiz todo o meu estágio obrigatório e não obrigatório também dentro do museu ferroviário. E o meu projeto de pesquisa foi dentro da gestão museológica, sobretudo para entender e atender a uma necessidade da própria instituição.

Franciele | Só para situar, em que ano você começou a faculdade de Museologia? Em 2009, né?

Silvana | Em 2009; nos formamos em 2013. Mas eu tenho uma atuação anterior à Museologia, na área da cultura. Eu até brinco com o pessoal aqui que eu era uma estagiária já com carreira estabelecida, diferentemente de outros que chegam jovens que querem aprender. Eu já vim com toda uma experiência profissional, e a Museologia só veio agregar tudo que eu já vinha fazendo. A minha primeira formação não completa,

mas com o que eu trabalho há 30 anos, é Artes Cênicas. Eu passei pela faculdade de Artes Cênicas na Udesc, em Florianópolis/SC. Sempre trabalhei com cultura, com teatro, com contação de histórias e, em 2005, fui uma das membras fundadoras, com a Graciela Simoni e o Silvino, do *Encantados Contadores de Histórias*. Hoje o Silvino não faz mais parte da formação original, mas o grupo cresceu e, além de espetáculos de contação de histórias, trabalha com várias áreas dentro da cultura, sobretudo apresentações, projetos de inclusão e acessibilidade cultural, exposições, projetos educativos. Então, a atividade do grupo é muito ampla e totalmente focada na cultura. E, por meio dessa trajetória dentro das Artes Cênicas, eu fui pra área de exposições, porque o grupo *Encantados*, enquanto empresa, prestava muito serviço de atendimento e auxílio aos projetos do Sesc aqui em Tubarão e também em toda a região. A gente atendia às exposições, todo o circuito de exposições do Sesc e outros projetos. Por meio delas, do contato com curadores, com artistas, veio a necessidade de conhecer mais tecnicamente essa área da expografia. Com essa necessidade de qualificação, de entender o projeto educativo, a exposição enquanto linguagem, de ter uma qualidade a oferecer para os curadores e também para os artistas — a gente trabalhava dentro do Centro Municipal de Cultura, um espaço híbrido, meio museu, meio centro de cultura, meio espaço de exposição —, eu acabei parando na Museologia. Então essa área veio pra minha carreira profissional, não por acaso, mas por uma necessidade de dar conta daquilo que eu já fazia dentro das Artes. Eu também sou especialista em História da Arte. A Arte sempre permeou o meu caminho. E, por acaso, eu vim parar no Museu Ferroviário de Tubarão. Mas o que o museu ferroviário tem a ver com arte? Ele tem



uma pinacoteca, uma coleção de arte de mais de cem obras, oriundas da coleção do centenário da estrada de ferro Dona Teresa Cristina, formada em 1984. Então, a minha primeira missão no estágio foi justamente montar a pinacoteca. Todo esse meu *know how* de mais de dez anos de trabalho direto com exposições, curadores, estudantes, História da Arte veio agregar nessa missão. Essa minha trajetória anterior me fez cair dentro da área da Museologia, da qual eu não saí mais. Dizem até que eu já mudei de área; sou do museu, sou do patrimônio e que esqueci as Artes Cênicas, o que não é verdade.

Franciele | Mas o que te levou até Orleans, até a Unibave. Foi alguém que chegou até você? Ou você ouviu falar do curso de Museologia? Como foi esse processo, esse conhecimento?

Silvana | Foi até engraçado, inusitado. Se for pensar, eu acho que era pra ser. A Fundação Catarinense de Cultura (FCC) e o Ciclo de Educação Museal, coordenado pela Christiane Castellen, que depois foi nossa professora de educação, oferecia várias oficinas e vários projetos de divulgação e de formação específica na área, rodando o estado de Santa Catarina como um todo. O núcleo de Museologia [Núcleo de Estudos Museológicos – NEMU] também estava muito atuante nessa época. E teve uma formação específica em Içara/SC. Eu não conhecia a faculdade de Museologia. Tinha ouvido muito pouco falar em Museologia enquanto Ciência, porque eu ficava muito na área das Artes. Estudava muito sobre exposições, fotografia, curadoria, mas a Museologia enquanto Ciência, enquanto prática... A *poiésis* e a *práxis* da Museologia eram muito distantes. Via o museu como instituição, como espaço de trabalho, mas não com um *corpus* teórico. Assim, eu e a Graci fomos pra Içara fazer parte dessa oficina (foram dois dias) e lá nós conhecemos a professora Angela Paiva, coordenadora do curso à época. Se eu não me engano, estavam na primeira turma de Museologia. Primeira ou segunda turma. Pensei: “Nossa, tem um curso de Museologia! Onde é que fica?” Fica em Orleans. O conteúdo das oficinas voltadas para a exposição e educação me interessaram muitíssimo, porque era exatamente aquilo que eu estava buscando, pra atender às necessidades do trabalho que a gente fazia. Eu acho que foi um encontro que pareceu casual, mas que não foi casual. E a partir disso eu comecei a buscar mais informações de que curso era esse, como fazer para entrar. Eu e a Graciela entramos na terceira turma. A Graciela não ficou, e eu permaneci até hoje sendo museóloga. A Graci continua à frente do *Encantados*, e nós fazemos parcerias. Eu também continuo, mas realmente o trabalho do museu é um trabalho intenso, árduo. Quem acha que o pessoal do museu não trabalha, minha gente, a gente trabalha tanto que é difícil conciliar com qualquer outra coisa.

Franciele | Sim, é bem corrido sempre, claro, como todas as profissões. Mas pensando a questão da faculdade. Você decidiu fazer Museologia. Como foi esse processo? Você morava em Tubarão, a faculdade era em Orleans. Ela tinha um período de intensivo. Como foi isso?

Silvana | Como eu trabalhava sempre na loucura, nos muitos projetos, nas demandas, o fato de ser num horário especial [aos finais de semana], de não ter que estar de segunda a sexta-feira na faculdade diretamente me ajudou muito a cumprir esse projeto, porque, se fosse ao contrário, realmente eu não conseguiria devido às minhas altas demandas — quem trabalha com cultura está correndo atrás da máquina sempre, sempre metida com exposição e espetáculo, circuito, projeto e mil e uma coisas. Então, esse foi o primeiro ponto que fez com que eu decidisse ir pra Museologia efetivamente, e pra Museologia em Orleans. A segunda foi a distância, que não era tão longe da minha casa. Realmente, com a minha rotina pesada de trabalho, se eu tivesse que me deslocar ou mudar toda minha estrutura pra uma outra cidade, realmente não

teria como conciliar. Então, a questão da disponibilidade de horário pra fazer as aulas e a questão da distância foram coisas que pesaram muito pra que eu comesse a fazer Museologia na Unibave, mas houve um diferencial muito grande que me fez efetivamente decidir pela área da Museologia por causa do perfil do curso. Antes de começar, a gente fez uma aula experimental com a turma anterior. A gente frequentou a aula com os nossos colegas, que seriam nossos veteranos. E vimos como seria uma aula no dia normal, num final de semana normal (inclusive, era verão, no calorão de Orleans, que, pra quem não conhece, é muito intenso; no frio, é muito frio). Já chegamos assim: ou faz ou foge. Mas o que me fez decidir mesmo foi um detalhe do perfil do curso que eu acho que me ajudou muito na carreira depois de formada e também na minha visão enquanto profissional da Museologia. Também construindo essa carreira ao longo do curso: uma Museologia — que era o que eu estava procurando — que alia a teoria com a prática. Então, a gente tem uma realidade museológica e, só quando a gente cai no campo de trabalho, vai pro chão do museu, às vezes descobre e se decepçiona ou se desespera, e tudo o que a gente vê na teoria e estuda enquanto idealização, dentro da faculdade, é lindo, maravilhoso, perfeito; todos os museus são *blockbusters*, todos os orçamentos são ilimitados... mas quando a gente vai para a realidade do museu, concreto, sobretudo nós, que estamos em regiões de periferia... (quando eu falo periferia, é justamente estar fora dos grandes circuitos). De fato, independentemente de ser um museu grande ou museu pequeno, nós estamos fora do circuito, da grande visibilidade, do grande holofote. Não somos museus das capitais ou museus que têm grande evidência. Então, muitas vezes, não têm recursos, equipe técnica — e têm muitos desafios, que, se tu vens só com a teoria e não passa pelo chão do museu, não se defronta a realidade concreta, que é a mão na massa. “Olha, eu não tenho nada; eu estou assumindo o museu agora, eu só tenho um acervo, um par de luvas, um jaleco, e seja o que Deus quiser... O que que eu faço?” E essa parte prática, do museu real, do museu concreto, do museu que é cheio de desafios — a gente fala hoje, do museu instagramável, *blockbuster*, que parece pronto, *hardcore* — fez com que eu optasse por essa faculdade, nesse curso, em especial, porque o perfil dos professores puxava muito pra essa realidade concreta. A gente teve muita teoria. Não foi um curso técnico; foi um curso de graduação, mas a gente estudava muito, lia muito e, ao mesmo tempo, todo o embasamento teórico tinha que ter um reflexo na prática, ressoar na prática. As nossas experiências práticas foram muito intensas. Então, eu acho que escolhi bem a faculdade que eu fiz.

Franciele | Pensando nos professores, teve alguém que já te chamou a atenção na hora, alguma disciplina? Você falou muito da expografia, da comunicação. Teve alguém em quem tu querias te inspirar?

Silvana | Ah, antes de entrar na faculdade, a Christiane Castellen já foi a primeira pela qual eu me apaixonei. “Ah, se eu for para Museologia e tiver aula com ela, que maravilha!” A própria Angela Paiva também não tem o que dizer, é *hour concour*. Tive e tenho com ela experiências que me marcaram. E profissionais que eu levo para a vida inteira. E ela é muito “Caxias”, muito dura, mas ao mesmo tempo o critério dela construiu em nós — eu não digo só em mim, mas, tenho certeza, eu estendo a todo o mundo — um caráter, uma ética profissional de encarar um museu com aquilo que ele tem de ser encarado, uma seriedade, mas, ao mesmo tempo, uma leveza que eu levo pra vida toda. O Fernando Romero, não tem também como não dizer, a Gracinha [Graça Prudêncio], a [Soeli] Huk, que também exigia demais na parte do turismo, mas essa exigência foi muito boa, porque fez com que a gente se disciplinasse, criasse um rigor, não só prático, mas, sobretudo,

teórico... O [Antônio César] Sprícigo... Se eu for citar, vou ter que citar todos os professores da grade curricular, porque cada um deles com certeza contribuiu de forma significativa pra minha formação. E a gente teve a grande sorte... a Andrea [Marques Dal Grande], de expografia. Foi uma grande sorte ter grandes professores, professores que, na grande maioria, que é o caso da Graça, da Angela Paiva, do próprio Fernando Romero, participaram da construção do que veio a ser a área do patrimônio em Santa Catarina. Então, a gente estudou com as cabeças pensantes, né? Que é justamente isto: eles trouxeram pra nós o que foi “abrir picada com facão”. Traziam muito essa experiência da prática. Não tinha nada, não tinha política de patrimônio, não tinha nada, e eles tiveram que fazer do nada alguma coisa. E essa coisa que a gente está trabalhando agora. Então isso ficou muito forte em todo o processo de formação e, claro, depois ecoando na pós-graduação.

Franciele | Pensando esse diálogo com os professores e aquilo que percebia à época, as expectativas mudaram antes de entrar na faculdade, durante depois. Digo, nossa visão de mundo.

Silvana | Com certeza, as expectativas mudaram, sobretudo a questão, não dos enfrentamentos — eu acho que enfrentamento não seria uma boa palavra —, mas justamente essa coisa de se ter um museu ideal, o museu que a gente estuda na faculdade, dos grandes teóricos, o museu que se fala nas páginas teóricas do livro e o embate com a realidade concreta que a gente tem fazendo visitas técnicas, visitando museus da região e de outros estados. Museus de grande porte, bem estruturados, e museus que a gente entra e não tem nada, porque são museus de prefeitura, montados como coleções visitáveis ou gabinetes de curiosidade — como a gente vê por aí — ou porque são museus geridos pelo poder público municipal, mas que não têm uma estrutura e nem uma visão de um museu daquilo que a gente estuda que seria o museu ou que está dentro do Estatuto de Museus; são instituições museais vistas, geridas e praticadas a partir de um senso comum do que é museu. Então fica aquele embate. “Ok, é assim.” E aí? Enquanto profissional da Museologia, pegando esse museu... porque a gente sempre sonha em ir pro Louvre, pro Guggenheim, mas a realidade concreta da maior parte dos museólogos no Brasil, daqueles que se formaram ou estão se formando, ou que estão pretendendo fazer o curso de Museologia, diante da realidade continental do Brasil e da imensidão de museus periféricos, museus menores, museus com essas dificuldades, coleções com as suas particularidades, com as suas dificuldades... É isso o que se espera. Eu sempre penso assim: “E se eu pegar o pior cenário, o que eu faço?” Aquele museu que é uma sala cheia de objetos e que não tem nada, um arrolamento, qualquer tipo de metodologia de catalogação, conservação, não tem nada, é uma mesa de museólogo e um acervo. O que eu faço? Então, eu acho que esses embates e pensar soluções concretas pra realidades e contextos concretos foram o grande desafio — eu acho que também uma grande angústia. Até hoje eu tenho essa angústia dentro de mim. “Ok, eu tenho isso aqui, que é o que o Estatuto de Museus diz — e a gente sabe dele enquanto profissional responsável, representante e salvaguardador de um acervo museológico e de um trabalho museológico —, mas, ao mesmo tempo, eu tenho uma realidade concreta de uma instituição. Eu tenho os desafios de um orçamento que tenho que batalhar todo dia pra defender. “Eu sou a prima pobre aqui.” Então todo dia preciso batalhar pra defender, fechar, garantir o orçamento do próximo ano, porque os projetos têm que ser feitos. E assim, Fran, quem não é diretamente ligado ao fazer museológico, sejam museólogo, sejam colegas que estão dentro de museus, em outras funções, como pedagogos, conservadores e restauradores, pesquisadores, enfim — a gama de profissionais dentro de um museu é infinita — e vê essa complexidade de quanto o museu custa pra manter as

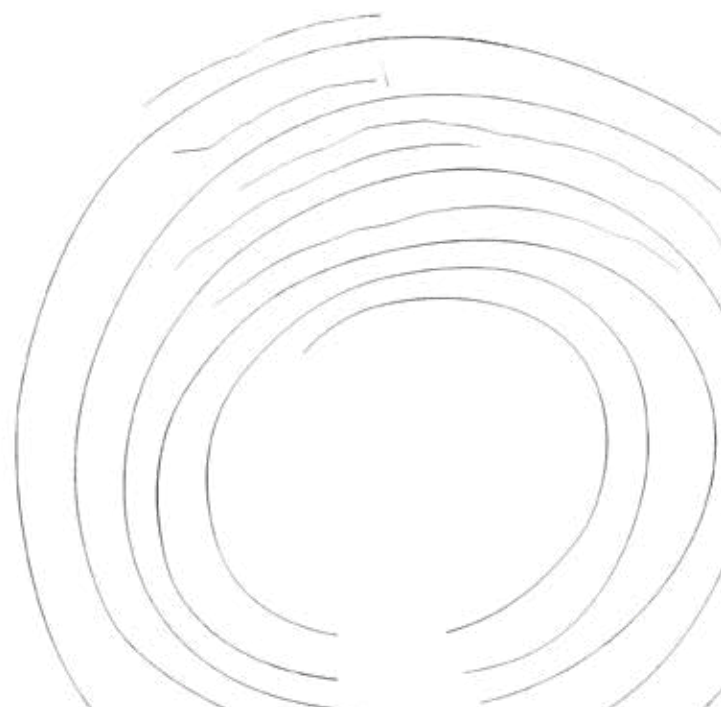
portas abertas, digo, quanto ele custa manter toda a sua cadeia operacional funcionando... Quando a gente fala de museu — a gente sabe que a gente tá falando de uma instituição que tem uma estrutura operacional que, para que se estabeleça, ela tem um custo, pra que tudo seja feito como a gente aprende que tem que ser, com toda a sua cadeia operatória funcionando, com todos os seus setores, programas, plano museológico, não só no papel, mas no dia a dia do museu, a execução de um plano museológico, diariamente, com tudo o que ele precisa —, é um custo altíssimo. E aí defender o investimento diário nessa instituição, para que ela funcione plenamente, é uma luta quase inglória, porque olham pra gente supondo que basta uma sala e coisas a se olhar que você já tem um museu de portas abertas.

Franciele | Sim, infelizmente é essa a visão que os gestores têm.

Silvana | Sobretudo os gestores públicos.

Franciele | E a população também tem esse senso comum de que um museu é uma sala com peças antigas que eu vou lá e visito. Não tem os processos por trás, né?

Silvana | Exatamente. Então eu percebo aqui no dia a dia do museu ferroviário que são duas frentes de educação, eu acho que até três: a educação museal para o público que vem ao museu; a educação museal para o gestor que tá acima da gente; e a educação museal efetiva pra comunidade como um todo. E essa educação museal para o público não é só mostrar as narrativas que a gente constrói, mas é dizer como o museu funciona, qual é a função social de um museu, por que ele existe, o que ele guarda, como ele funciona. Às vezes a gente fica muito no conteúdo, na historiografia ou nas partes técnicas, nas exposições, mas essa parte de mostrar como o museu funciona também é muito importante, porque, quando o público entende, ele passa a defender a instituição, a entender que tudo é custo, que ele não faz parte do custo, mas pode colaborar com a sua visita, com a sua permanência, se tornando um usuário ativo de todas as ofertas do museu, sejam cursos, oficinas, visitas ou participação em eventos. Essa participação, essa frequência ativa do público é o que proporciona que o museu continue funcionando plenamente, que faz com que a gente não tenha corte, não tenha diminuição de programação, que a gente consiga efetivamente continuar oferecendo para a comunidade tudo o que a gente precisa oferecer, deve oferecer, e garantindo o *backstage*, toda a parte necessária, fundamental do museu, que é a parte técnica museológica, que o público não vê, mas que, se não tiver aquilo não vai para a frente. Como atriz, é a coxia e o palco. Se não tem uma boa coxia, não tem como ter um bom palco, uma



boa cena. Então a gente só consegue ter uma boa cena para o público se nossa coxia está muito bem azeitada, estruturada, se a gente tem condições de trabalho. E muitas vezes o que a gente encontra na realidade? E aí os museólogos se encontram pra “chorar as pitangas”... É assim, em qualquer lugar do Brasil, mas é justamente por essa dificuldade e por saber a responsabilidade que temos, tomamos de forma consciente e responsável tudo isso, mas, de fato, a gente tá em espaços precarizados. Ainda consigo dizer que, apesar de tudo, eu tenho uma certa sorte de estar numa instituição que me permite fazer coisas que, se eu tivesse, por exemplo, talvez numa instituição pública municipal, eu não poderia, até por questões de orçamento e de limite, questões de material humano. E outra coisa, Fran, que eu acho que é muito importante tocar no assunto, é que eu vejo notícia de às vezes o museu não ter uma equipe fixa, mas já ter um plano museológico; às vezes ele não ter nem a sede, nem acervo, mas já ter o plano museológico. Que é esse museu pensado por gestores ou gestões que não estão realmente plenamente conectados com o que é o fazer museológico e com a responsabilidade que é ter um museu criado na sua cidade. Todo mundo quer um museu como um convescote, uma festa, mas depois da inauguração, o museu vai ficar lá, vai continuar a ter necessidades. E o que fazer com isso? Então são coisas que a gente precisa sempre perceber. Eu estou numa instituição privada, gerida por uma associação, mas a maioria dos museólogos estão em instituições que são públicas e muitas vezes públicas municipais, de cidades do interior, de cidades pequenas com orçamento mínimo pra cultura. Às vezes o museu é vinculado ao setor da cultura, que é uma pasta dentro da educação. Então como vai ser a verba orçamentária para essa instituição? O museólogo vai trabalhar numa precariedade, não porque ele queira, mas porque a estrutura que está em volta, onde ele está trabalhando, o coloca nessa condição. Não sei nem como lutar contra isso, mas é preciso pensar em soluções pra sair dessa precarização profissional dentro das nossas instituições, fora desse pensamento de gestão para os museus, de uma estrutura hierárquica de poder vertical, em que quem está bem acima autoriza os investimentos; pensar uma gestão que não seja só uma caneta ou só um espaço, que realmente se queira entender por que o museu tem que funcionar de um jeito, por que custa tão caro e tem que ter tanta gente trabalhando. Não basta só alguém para abrir e fechar e receber as crianças? Não, não basta. Então, esses são dilemas que a gente enfrenta, não só eu aqui em Tubarão, mas em qualquer museu, em qualquer lugar, mesmo aqueles que estão trabalhando em museus que a gente olha e diz “Ai, que museu rico”. Não, eles também têm grandes desafios, com certeza.

Franciele | E pensando no seu trabalho, que vem desempenhando e fazendo dentro do Museu Ferroviário de Tubarão, você encontra diariamente essas dificuldades? Ou é esporádico?

Silvana | Sim, diariamente. Até porque eu estou num museu que, literalmente, é um grande museu.

Franciele | Em termos de tamanho, sim.

Silvana | Não só de tamanho de espaço físico, mas também de desafios do próprio acervo. A gente ainda não teve condições de fazer um inventário geral. O nosso acervo é público federal, ligado ao DNIT [Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes] e ao IPHAN [Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional]. A gestão do acervo é privada. É um acervo que, por baixo — a gente realmente não consegue contar tudo — são mais de 40.000 itens, subdivididos em diferentes coleções. Temos tridimensional, histórico, obras de arte na pinacoteca, documentos, uma biblioteca específica ferroviária (com livros técnicos em diversos idiomas), um arquivo histórico ferroviário

da nossa ferrovia, Teresa Cristina, acervo ligado à memória do trabalho ferroviário e, claro, fotografias, enfim. É muita coisa... A nossa sala de modelagem com o acervo oriundo da antiga fundição da ferrovia. Mas claro que o que chama mais atenção de todo mundo e o que muita gente “cresce o olho” é o nosso acervo de material rodante, formado de locomotivas a vapor. Nós temos uma diesel elétrica, duas litorinas e um comboio de pelo menos 10 vagões operacionais — fora os não operacionais. É um acervo, literalmente, gigante. Só de locomotivas a vapor, temos 20 na coleção. Então, além do tamanho, nós também temos essa relevância, porque temos aqui no museu um setor de restauro e manutenção desse tipo de equipamento. A gente faz restauração, não só das locomotivas a vapor, mas dos vagões. Estamos com 3 vagões em processo de restauração. O pessoal está quase louco aqui! Não é fácil. Esse tipo de restaurador também não se encontra facilmente, não se forma mais, porque é uma área muito específica e muitas vezes o pessoal aqui, os meninos, como eu chamo, que são ferroviários aposentados que têm uma experiência de mais de 50 anos de ferrovia, às vezes, por falta desse conhecimento técnico, desse saber fazer ferroviário, eles acabam dando consultoria técnica para outros museus ferroviários, para outras operações ferroviárias. Hoje mesmo o seu Macário, o chefe da restauração aqui do museu, tava em conversa com o pessoal de Canela/RS, pois eles estão fazendo uma restauração de uma locomotiva. E aí eles podem pedir socorro a nós. Então a gente tá sempre dando esse apoio. É não só operacional, mas também técnico, no sentido do conhecimento técnico, pra poder ajudar até a disseminar e a reverberar esse tipo de conhecimento. É um museu que tá situado dentro de uma linha ativa. Eu estou dentro de um vagão, que é o nosso escritório. O museu mesmo tem uma área de mais de 5.000 m² e na minha frente passa a linha ativa da Ferrovia Teresa Cristina. À nossa frente a gente tem a oficina de vagões, que é o Pátio Henrique Lage. Seguindo, vai dar lá na sede da empresa, o pátio da oficina central, onde tudo começa. Então, é um museu gigante com grandes desafios e, claro, por todo esse operacional — e a gente tem, ainda, o passeio turístico ferroviário. Nós temos aqui no museu duas frentes: a frente cultural, museológica, da preservação, que é o museu; e temos a operação do trem turístico, que eu digo que é o “primo rico”. Eles não gostam de ouvir isso, mas... Porque é o passeio turístico. Só que todo o equipamento rodante que está para o passeio é acervo museológico. Então não adianta, eu vou me meter no passeio e acompanho toda a parte de manutenção, de vistoria. A gente também recebe muita fiscalização. Este ano nós tivemos duas, uma que foi a fiscalização técnica do IPHAN (o nosso escritório direto é Florianópolis, por causa do acervo ferroviário) — foi muito bom recebê-los aqui no museu — e, claro, a ANTT [Agência Nacional de Transportes Terrestres] — muito bom recebê-los também, mas é uma fiscalização extremamente rigorosa, em que se tem que deixar tudo OK pra continuar operando. E essa fiscalização da ANTT é feita anualmente; o IPHAN nem tanto, até por uma questão operacional deles, de poder disponibilizar servidores. A gente tá sempre em contato com o IPHAN, diretamente com o departamento ligado ao patrimônio ferroviário, mas infelizmente o deslocamento para eles é muito difícil. Com a ANTT a gente tem um contato muito frequente, e as fiscalizações muito frequentes. E aí, embora não seja específico da área museológica, todas essas fiscalizações reverberam no museu. Por quê? Porque ele faz parte da operação do trem. Então tem que estar totalmente adequado, porque, na hora que vem fiscalização, eles não querem saber, tudo faz parte da operação do trem. Quer dizer, a gente tem que estar sempre dentro dessa logística, tanto que temos 0800 para atendimento ao público. A gente precisa seguir certas normativas por causa da operação de trem, que, com certeza, um museu só atendendo à legislação museológica não precisaria se preocupar, que é o caso, por exemplo, do

atendimento do o800. E também, pelo fato de a gente estar em área operacional da Ferrovia Teresa Cristina e fazer uma operação de trem, nós temos aqui regras de segurança que, certamente, outros museus não têm, como, por exemplo, a questão de que precisa obrigatoriamente ter as ISOs, as NBRs: se vamos fazer algum trabalho nas alturas, obrigatoriamente temos que ter a NBR correspondente. Também a questão de tratamento de descarte de material, porque a gente trabalha com a maria fumaça e com o carvão mineral; tem todo um protocolo de segurança. São questões de impacto ambiental mesmo, que, com certeza, são muito específicas pro tipo de instituição na qual eu trabalho, que vai muito além do cuidado diário com o acervo, de montar exposição ou de pensar o educativo do museu, ou fazer o programação de eventos. É uma parte operacional ferroviária... Eu digo mesmo que no Museu Ferroviário de Tubarão é como se o visitante estivesse vendo como a ferrovia funciona por dentro, pelas suas oficinas, e não pela parte da estação, a parte pública, que todo mundo conhece. Não, aqui, não. Tanto que muitas vezes eu recebo visita das escolas e tem uma locomotiva passando aqui, e eles estão fazendo o restauro do outro lado. Aqui é um museu vivo, literalmente; tudo acontece ao mesmo tempo. Tenho às vezes que parar a mediação, porque vai passar a locomotiva com um vagão — claro, as crianças saem correndo pra ver o trem, não tem como... Aí tá tendo um embarque de recepção de *bag* de carvão ou de outro combustível pra maria fumaça, ou eles estão acendendo a maria fumaça pra fazer manutenção, porque a manutenção aqui tem que ser constante, porque é bem musealizado. Então tem que estar sempre muito bem conservado. Então, eles têm a oportunidade de falar direto com o mecânico, com o maquinista, de ver na prática como a locomotiva funciona, como bate o sino, como sai o vapor. Tudo na materialidade da coisa mesmo. Não só de vê-la bonita, parada, grandona, que é uma coisa, mas em operação... sentir o cheiro, o calor, a fornalha funcionando, todo o barulho. É uma outra experiência. São coisas que só no Museu Ferroviário de Tubarão ou nos museus que têm a mesma característica se consegue viver. E, claro, isso é um desafio. Eu corro atrás da máquina o dia inteiro, todo o dia.

Franciele | Literalmente. (risos)

Silvana | Literalmente. Se ouvirem o barulho de buzina, é o trem passando, não liguem, não se assustem. E, claro, a gente sofre com falta de pessoal, nunca tem pessoal suficiente. Às vezes o pessoal do comercial sai, vai atender na visitação. A gente está com 3, 4 turmas ao mesmo tempo. Aquela coisa: trabalhando em todas as frentes ao mesmo tempo.

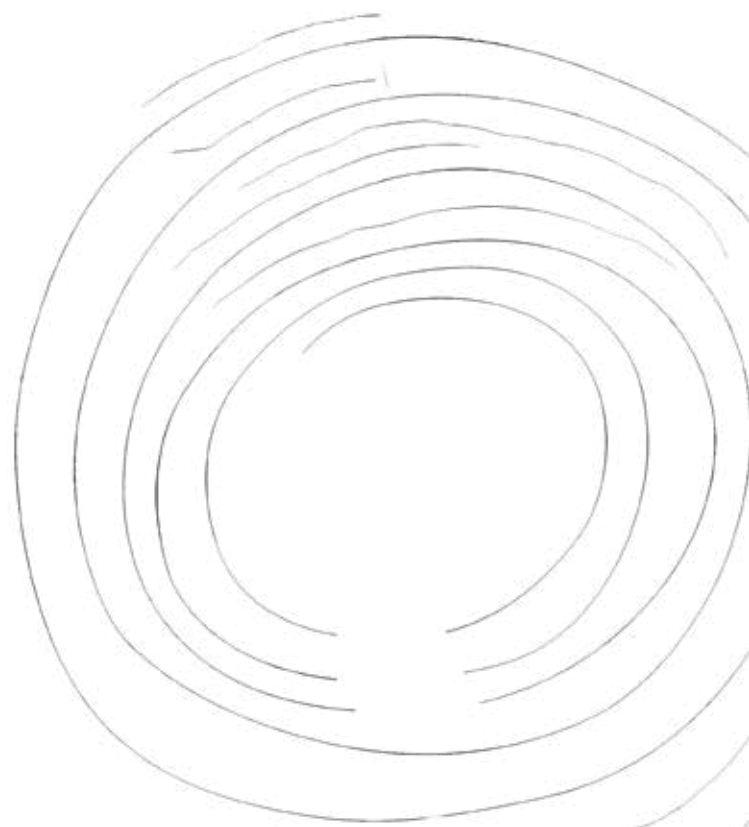
Franciele | Eu ia perguntar justamente isso. Hoje o museu possui quantos funcionários? Porque é uma estrutura gigante! Para quem não conhece, fica o convite pra conhecer... E com um ou dos funcionários não tem como, né? É uma estrutura muito grande.

Silvana | Hoje a gente tem o setor comercial, que é ligado ao passeio de trem, com três pessoas diretamente ligadas, mais o marketing, que é do passeio de trem... Aí a parte do museu mesmo, à frente do museu, sou eu, mas, como eu disse, aqui a gente tá em setores diferentes, mas na hora do “pega pra capar” todo mundo pega junto. “Vambora”. É uma equipe pra tudo, na verdade. Então, eu faço parte do passeio, eles fazem parte do museu, mas a gente separou por marcas: hoje a instituição, nestes 27 anos de existência, passou por pelo menos três fases de estruturação e de gestão. E que é muito, até muito interessante saber, porque isso mostra como o museu não é estático e precisa evoluir no seu entendimento e no seu posicionamento dentro do campo museal. Nós temos a equipe de conservação e restauro, com, pelo menos, 6 pessoas, 2 artífices do pátio, que precisa cuidar, mais o pessoal da limpeza e, claro, a

gente tem o apoio, quando tem dia de passeio, de mais de 30 pessoas trabalhando diretamente nisso. Essas pessoas não ficam no dia a dia do museu. A gente também conta com voluntariado, os nossos anjos da guarda, que vêm nos ajudar, se sensibilizam com o museu e querem colaborar dentro do nosso programa de voluntariado. E a equipe do passeio, toda a equipe de animação no passeio: gaiteiros, artistas, comissárias de bordo, toda a equipe de segurança que vai dentro do trem, mais a equipe operacional, a equipagem que assume a máquina — maquinista, foguista, auxiliar, enfim. Então, diretamente falando... Eu também trabalho atendendo as pessoas dentro do museu ferroviário, porque em dia de passeio, dia de visita... Mais a loja do museu, que hoje está sob gestão da Artesano, uma parceria que nós estamos estabelecendo pra poder oferecer produtos de qualidade, de produtores locais, com a identidade cultural da cidade, porque Tubarão não tinha um espaço para poder oferecer esse tipo de produto pra turista e pra morador local também com a identidade de Tubarão, promovendo os empreendedores locais, os artesãos locais. Então a gente cedeu o espaço, mas quem administra a loja é Artesano, que também é de uma produtora local, a Diolene. É um circuito muito grande. São 250 pessoas só no trem, fora aqueles que vêm para visitar o museu, aproveitando que é final de semana, aqueles que vêm pra ver a maria fumaça e já aproveita e visita o museu. Então é um corre-corre, mas é bom.

Franciele | Hoje, a média anual de público está em quantos mil visitantes?

Silvana | A gente conta também o passeio de trem, porque os passageiros do trem também visitam o museu. Então, a média do ano passado foi 16 mil visitantes. A gente tem o passeio de trem, que é o grande captador de visitantes, e recebe visitantes não só do estado, do Brasil todo, mas também do exterior. Se fosse só pelo museu, a nossa frequência cairia bastante, pra 3 ou 4 mil, focando no acervo do museu em si. Mas estamos fazendo um trabalho muito intenso desde 2013/2014, quando a gente fez a primeira versão do nosso plano museológico, até hoje. Então o nosso projeto educativo tá comemorando 11 anos este ano, de implantação, e com um sucesso muito grande. A gente tem muito orgulho, pois ele criou as bases pra trabalhar essa aproximação do museu enquanto instituição da comunidade. Por isso que eu disse que teve uma evolução no posicionamento da instituição, no próprio entendimento quanto ao que é ser um museu, como trabalhar o museu, diferenciar, separar... porque no começo era tudo muito junto



e misturado. O entendimento era do senso comum mesmo. Tinha-se muita vontade de preservar o patrimônio, mas não se sabia como fazê-lo. E aquela coisa: na dúvida, junta tudo e guarda, pelo menos tá garantido. Se tá guardado, tá garantido. Então, a instituição teve que amadurecer enquanto instituição pra poder fazer esse trabalho voltado totalmente pra comunidade hoje. Os portões estão abertos pra comunidade. A gente atende não só a comunidade em geral, mas também faz muita parceria com as instituições, não só da cidade, mas de toda a região. Acaba trabalhando em rede pela preservação da memória ferroviária aqui do sul, de Santa Catarina, mas também dá apoio, sempre que possível, a unidades museológicas que precisam de orientação museológica, porque a gente sabe que tem muitas prefeituras que ainda não fizeram um concurso público para museólogo. “E aí, alguém entrou no museu e o que eu faço enquanto não tem museólogo?” O que faz? Cruza os braços e chora? Até para orientar; muitas vezes a gente atua na orientação, inclusive de prefeitos e secretários, de como fazer diante da possibilidade ou da vontade de se ter um museu: a primeira coisa é contratar um museólogo, não só porque é um museólogo, é porque ele que vai orientar justamente como melhor fazer a criação ou fundamentação, o tratamento, até que tipo de instituição é mais adequada para aquele tipo de realidade, de comunidade. Então, antes do objeto, quem vai cuidar do objeto? E aqui a gente passou por isso, por essa fase. A primeira fase é aquela que todo mundo tem, que todos os museus têm, voltada diretamente pro acervo, pra coleção. O foco da atividade do museu era a preservação do objeto. E aí, nessa preservação do objeto, não se tinha muito a relação com o público. Era tudo voltado para o objeto, pra cuidar do objeto, para expor o objeto, mas não se tinha nenhum tipo de trabalho, de promoção, de divulgação, de pesquisa, que fizesse com que esse objeto virasse um documento, efetivamente, um suporte comunicacional cultural e patrimonial pra comunidade onde ele estava inserido e do qual era representante. Então, a partir de 2013, a gente começou, com o plano museológico, a reposicionar o museu. Assim, ele deixou de ser um museu tradicional, como ele nasceu, e é a herança dele, de um museu tradicional, voltado pra sua coleção, voltado pro seu acervo, e começou a migrar pra comunidade. E aí a gente, por meio do programa educativo, fez uma evolução de posicionamento. Não é que ele deixou de ser um museu, digamos, institucionalizado, tradicional, no sentido da sua constituição, mas o posicionamento estratégico dele foi caminhando para a modelagem de um ecomuseu nas suas relações, em como ele trata a comunidade, e ele se coloca como espaço ativo e a serviço efetivo da comunidade. Então a comunidade se apropria do espaço do museu e começa efetivamente a exigir também coisas do museu, a contribuir com ele. A campanha “Esse trem é nosso”, de 2018, por exemplo, foi fundamental para esse despertar da comunidade, para a importância do museu ferroviário. E a partir de um evento — a perda de uma locomotiva ou a quase perda de uma locomotiva muito importante para nós — é que a gente intensificou os investimentos na parte de educação e cultura voltados pra comunidade. Em 2018, a gente implantou um dos braços do museu, que é o empreendedorismo cultural: começou um esforço muito grande pra qualificar, poder formar os agentes culturais da cidade. Por quê? Porque a gente entendeu que não adianta só ter um museu enorme ou um museu gigante, cheio de coisa, um passeio turístico que promove a região sul catarinense inteira, se os trabalhadores da cultura da nossa cidade, não tiverem esse apoio, essa qualificação, não forem profissionais. Não adianta o museu da cidade ser profissional, ou tentar ser profissional, ou buscar essa profissionalização e o seu entorno cultural não ser profissional. Então, desde 2018, estamos estabelecendo trabalhos e oficinas de Gestão Cultural, Direito da Cultura, Direito Autoral, Assessoria e Planejamento

de Negócios Criativos. Toda essa parte de gestão, empreendedorismo a gente faz. Desde o ano passado, estamos realizando um projeto de curadoria artística, de acompanhamento e gestão de carreiras artísticas pros profissionais das Artes Visuais efetivamente. Estamos agora com o projeto “Práticas de Ateliê”. Como esse artista, esse criador vai se posicionar no mercado da cultura? E por que isso é muito importante? E o que isso tem a ver com o museu? O museu enquanto instituição cultural, fomentador da cultura local precisa se preocupar com isso, criar condições e qualificar o seu entorno pra que ele tenha uma rede colaborativa. Se a gente precisa de artistas pra se apresentar nas atividades do museu — porque aqui a gente contrata — pra se apresentar nas atividades do museu, pra se apresentar no trem, a gente precisa que esses profissionais sejam qualificados. Assim, desde tirar uma nota fiscal, ser um MEI até a fazer um portfólio, como ter postura diante de um patrocinador, de um contratante, como escrever um projeto... A toda essa parte damos assessoria, orientamos e acompanhamos, e estamos sendo também ponto de socorro, nas dúvidas.... Claro que isso reverbera diretamente na construção da política cultural da cidade, que impacta diretamente na construção de uma política de patrimônio pra cidade. Não adianta a gente se isolar como museu e esquecer tudo o que está entorno. Às vezes a gente se isola em si mesmo, fica ensimesmado e esquece o que tá em volta, e não faz esses diálogos e esse *networking* institucional. É nisso que a gente trabalha e, agora, desde 2021, a gente tá numa grande missão — que a gente não sabe se vai dar conta —, mas é a missão. Desafio posto, desafio aceito: a gente foi de um museu tradicional, voltado pro acervo, pra um museu voltado para a comunidade, num perfil mais de ecomuseu, e agora a gente está em processo de transição para um museu de território. Por quê? Porque a importância do museu ferroviário é uma importância regional e cada vez mais estadual, e até nacional, porque a gente integra o coletivo de museus ferroviários do Brasil, pra atingir ou representar toda a região sul catarinense onde passa ou já passou a Ferrovia Teresa Cristina. A gente tem muito acervo representativo de todas essas cidades, de toda essa região e conta a história da primeira ferrovia do estado de Santa Catarina e, pelo trem, pega toda a malha ferroviária. Então é um território gigante. Só de linha de trem são 164 km, 15 municípios hoje diretamente atingidos e mais de 30 municípios representados ao longo de 140 anos de história. Então é um grande desafio, porque é um museu saindo de dentro dos muros do museu, das paredes, dos arquivos do museu e se expandindo pra essa rede de preservação que pega a AMUREL [Associação de Municípios da Região de Laguna] e a AMREC [Associação dos Municípios da Região Carbonífera]. É muita coisa e um desafio muito grande. Claro que isso a gente consegue, e já está no nosso planejamento estratégico desde 2021 a construção de parcerias, pra que a gente vá devagarinho, dentro de um plano de metas, cumprir isso. As locomotivas que foram restauradas e hoje integram as unidades museológicas de Pedras Grandes, de Lauro Müller, agora de Araranguá, já fazem parte desse processo de ampliação da rede ferroviária. Claro que esses museus não são unidades do Museu Ferroviário de Tubarão — são museus geridos pelo município —, mas a gente estende a nossa colaboração e todo o nosso setor técnico a esses museus, criando um *link* de preservação da memória ferroviária, que é muito difícil. E aí eles, estando lá, tendo essas unidades, como o Museu de Içara e outros museus que têm memória ferroviária — que são museus muito pequenos —, com suas unidades, conseguem fazer pesquisas históricas, museológicas, territoriais, arqueológicas que nós não temos braços nem pernas pra fazer, porque o território é gigante. Então, trabalhando nessa direção, a gente consegue expandir e aprofundar a nossa atuação na região, claro que sempre de forma colaborativa com essas outras unidades. O que é muito

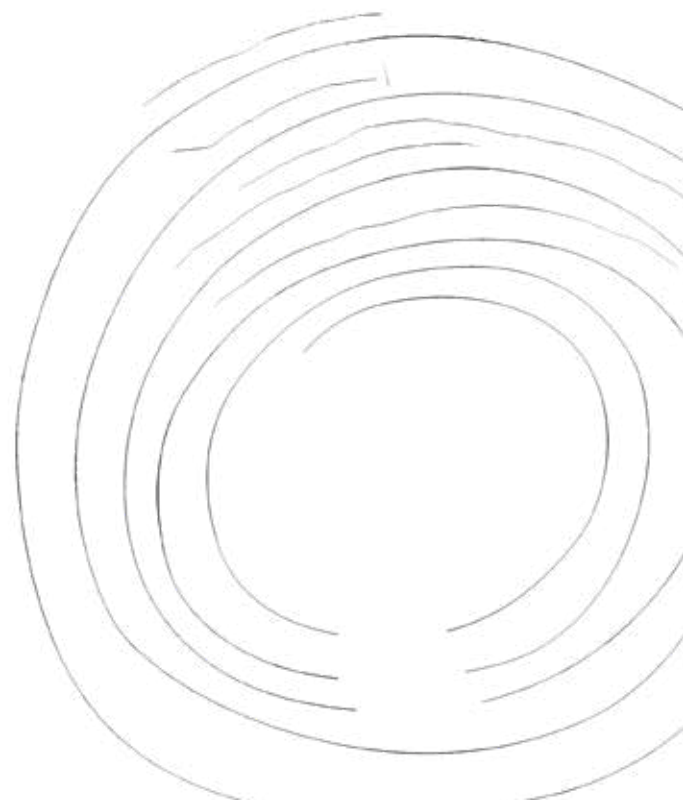
melhor do que trabalhar sozinho e de maneira isolada. A gente fortalece esses museus menores, e eles também contribuem para o nosso trabalho. Então, futuramente talvez a gente seja um grande museu de território.

Franciele | Vamos acompanhar! Onde agora está a profissional Silvana nesse processo todo de desafios, de encontros com outros museus. Quem é a profissional Silvana no meio disso tudo?

Silvana | Não sei. Às vezes eu acho que eu sou “pau pra toda obra”. Eu sou um Severino. Eu acho que todo museólogo dentro de uma instituição às vezes é Severino. Desde que eu entrei, o meu grande desafio foi gestão, justamente por todo esse trabalho de posicionamento institucional. Planejar e reescrever a missão, visão, os valores, todo o plano estratégico do museu, os objetivos, todos os programas, o que entra, o que sai, todos esses documentos básicos que o museu precisa ter, o seu regimento interno... E aqui a gente tem um regimento interno do museu, o regulamento operacional ferroviário — tudo aqui tem duas frentes —, tem a SALV [Sociedade dos Amigos da Locomotiva a Vapor], que é a mantenedora do museu. Como eu disse no começo, eles misturavam tudo: era museu, era passeio, era SALV... E desde o ano passado, 2024, a gente fez um *rebranding* da marca, que é outra coisa que os museus do nosso entorno, da nossa região, da realidade de onde a gente fala, do sul catarinense, e a maioria geridos por instituições públicas, não têm ideia: que o museu é um negócio — e o fato de uma instituição museal não ter fins lucrativos não quer dizer que ela não possa ser encarada como um negócio cultural, porque, por mais que ela não tenha — e ela não pode ter mesmo — lucro... O museu ferroviário, o passeio de trem não tem lucro, mas ele precisa ter uma receita, uma fonte de rendimento pra que possa operacionalizar e dar sustentabilidade a uma megaoperação museológica e ferroviária, que é caríssima. Gente, vocês não têm ideia do que é o restauro de um vagão! Quanto custa um vagão! Então, como a gente faz para ter parceiros, investimentos, pra ter para ter uma arrecadação que dê conta de todos esses custos? Pensar enquanto negócio foi muito fruto do meu trabalho. Claro que, junto com a parte de planejamento estratégico, posicionamento enquanto negócio, dentro do campo museal, eu sempre trabalhei com aquilo que eu mais amo, a educação. Eu não abro mão desse pilar do museu — e para nós, pra mim é um dos principais pilares, onde entra a formação também — e da cultura voltada pra comunidade — entra pesquisa, estudo, toda essa rede com que a gente trabalha. O *backstage* do museu, claro, a gente faz porque precisa fazer, porque é nossa obrigação, até porque, como eu disse, a cena só é boa se a coxia tá bem organizada — e é um desafio. Esses são os meus papéis dentro do museu. Claro, nem sempre a gente dá conta, até porque é uma operação gigantesca, e aí a gente vai pelas prioridades. Aqui, no museu, a gente passou por esse *rebranding*, como eu disse. Então hoje a gente trabalha com três marcas, muito bem estabelecidas: a SALV; o passeio ferroviário expresso — o braço turístico do museu —, que é a marca do passeio de trem; e o Museu Ferroviário de Tubarão, que é a grande marca. Mas o que vem na frente é um museu, até porque o princípio da instituição, e é por esse motivo que ela foi criada, é a preservação da memória ferroviária, não só dos seus objetos, mas também da memória das concessionárias, que, em 140 anos, administraram a nossa linha, da memória dos trabalhadores ferroviários e da memória dos seus territórios. Então é esse conjunto memorial que a gente preserva dentro do museu. É muita coisa. Às vezes eu digo que vou pedir demissão, que não quero mais, que eu vou embora. “Arrumem outro museólogo porque eu já dei o que tinha que dar”. Mas aí o amor pela causa é maior. E a gente vai ficando...

Franciele | Uma última mensagem ou dica pros museólogos que estão nos assistindo, pra quem está começando Museologia agora... Enfim, algo para essas pessoas que gostam de museus, querem fazer Museologia...

Silvana | Pros colegas de profissão, o que posso dizer é “Coragem, coragem, não desista, sempre persista”. Apesar dos desafios, a nossa responsabilidade é grande, mas a necessidade da nossa existência é maior ainda, porque se não tiver profissionais especializados, capacitados em espaços de preservação da memória, seja ela documental, bibliográfica ou patrimonial, musealizada, como é o nosso caso, a gente não vai ter memória preservada. Então, é preciso ter coragem e, apesar das nossas angústias todas, perceber que às vezes só se consegue fazer o mínimo, mas o mínimo bem feito às vezes evita a perda de acervos que são incalculáveis; sem isso, a tragédia é muito maior. Então “Coragem!”, porque é fundamental. E pra aqueles que estão se formando ou querendo fazer Museologia, ou, enfim, que estão no processo de formação, eu indico a experiência que eu tive, de sair um pouco do conforto do teórico. Porque o teórico é muito confortável. É muito bom a gente ficar discutindo teorias e pensar o museu sempre no campo das ideias, e sempre na segurança da academia, mas vale a pena, durante a graduação, conhecer realidades distintas, de museus distintos. Eu sei que a gente sempre quer ir pro Louvre, mas a nossa realidade museológica, no Brasil, sobretudo, é um pouco diferente. Então eu convido todos a conhecer o chão do museu, de museus periféricos, de museus do interior. Sair, visitar, mas visitar livre de preconceito, de julgamento. Porque às vezes a gente, por estar muito contaminado com a teoria e com o ideal, chega olhando só os defeitos — foi essa a grande lição que a Angela Paiva nos deixou. A gente foi só apontando os defeitos do museus e ela disse “Vocês não viram nada de bom?” Já nos preparando pra entender o que é um diagnóstico museológico na construção de um plano museológico. Então, ver a realidade dos museus, os desafios dentro de um museu desses, do interior, de gestão municipal, mesmo que seja estadual, mesmo que seja o privado — não pense que, por ser um museu privado, o desafio é menor. A gente tem, com certeza, benefícios e acesso a recursos que museus de gestão pública muitas vezes não têm, mas não quer dizer que seja mais fácil. Como se mover dentro dessas realidades? Essa experiência, essa vivência, essa prática a gente só encontra na realidade fria do chão do museu. A academia nunca vai conseguir nos dar isso. Então é esse o pequeno conselho que eu dou. E “Não corra, se forme”.



Franciele | Se forme, tente entrar na área. É isso, Silvana, muito obrigada pela participação.

Silvana | Pra mim foi ótimo. Espero que para quem nos ouviu também...

Franciele | Quer deixar o e-mail do museu, enfim, para quem quiser entrar em contato?

Silvana | Sim, nós temos os dois Instagrams para quem quer nos conhecer, o @museuferroviariotb — este com o qual eu estou falando com vocês — e o @passeioferroviarioexpresso, perfil oficial do passeio de trem. Como é muito conteúdo, a gente separou os Instagrams. A gente também tá no Facebook — Passeio Turístico Ferroviário e Museu Ferroviário de Tubarão — e no YouTube. O site do museu é o museuferroviariotubarao.com.br. Temos venda de ingressos online direto pelo site. Parceria com a Minha Entrada, uma empresa aqui de Tubarão, e também pelo Instagram do museu, pelo Instagram do passeio, pelo nosso WhatsApp Comercial (48) 9.8868-1414, que tanto pode ser pra Museologia entrar em contato com a Museologia, pelo Instagram, comercial, como pra saber as informações dos eventos, dos passeios. Estamos preparando o mês de novembro, quando vamos ter grandes eventos no museu: a Semana da Consciência Negra, parceria com a setorial afro-brasileira aqui de Tubarão — também cedemos espaço para outros eventos —, e preparando todo o evento de Natal do museu, com três trens e mais uma programação intensa. E eu fechando o planejamento estratégico, o plano de trabalho de 2025, porque eu tenho que defendê-lo. Eu já estou em fevereiro de 2025, na verdade, daí eu tenho que defender o meu orçamento. E o tema gerador do ano — a gente sempre tem um tema gerador — de 2025, que vai nortear todas as ações do museu, inclusive suas semanas temáticas — vai ser pessoas como patrimônio. Nós vamos trabalhar patrimônio cultural ferroviário imaterial. Vem novidade por aí. Um grande projeto de pesquisa e muita coisa boa.

Franciele | Então fiquem ligados, de olho nas redes sociais do museu, que as novidades vão sendo lançadas lá. Muito obrigada novamente. Em nome do Conselho Regional de Museologia 5ª Região, quero agradecer e comentar que nós estamos sempre à sua disposição e do Museu Ferroviário de Tubarão, enfim, pra parcerias, possibilidades. Quer deixar mais algum recado ou podemos finalizar?

Silvana | Podemos finalizar. A gente convida toda a comunidade museológica a acompanhar as atividades do Corem 5ª Região, que é muito importante também para nós, museólogos, nos fortalecermos. A gente falou tanto de rede de formação, de rede de preservação e a gente também precisa preservar e fortalecer a nossa profissão. Uma andorinha sozinha não faz verão. Fica o meu convite pra acompanhar o trabalho, voluntário, claro, desses profissionais que estão muito nobremente tentando organizar, fortalecer e dar estrutura pra que os profissionais da Museologia e as instituições museais não fiquem tão desamparadas.

Franciele | A gente tenta. (risos) Obrigada a todos que assistiram. Quem não assistiu pode assistir depois, pois a *live* fica gravada aqui. Silvana, um abraço, um beijo no coração e até mais. Valeu, obrigada.

Silvana | Tchau.

Franciele | Tchau.

Conselho Regional de Museologia 5ª Região PR/SC

O Conselho Regional de Museologia da 5.ª Região – COREM 5R, que compreende os estados de Santa Catarina e Paraná, é uma autarquia de caráter fiscalizador e orientador do exercício da profissão de museólogo, conforme previsto na Lei n.º 7.287/1984 e regulamentado pelo Decreto n.º 91.775/1985.

Exerce um papel fundamental na valorização e no fortalecimento da profissão de museólogo na região sul do Brasil, assegurando que as atividades museológicas sejam conduzidas por profissionais devidamente registrados, regulares e comprometidos com a ética profissional e com os parâmetros técnicos estabelecidos. A abrangência territorial do COREM 5R engloba uma região caracterizada por sua rica diversidade cultural, histórica e patrimonial.

Os estados de Santa Catarina e Paraná contam com expressivo número de museus, espaços de memória e instituições culturais que desempenham papel essencial na preservação e promoção do patrimônio material e imaterial. Nesse contexto, o conselho torna-se um agente estratégico na articulação entre profissionais, instituições e sociedade civil.

Entre suas principais atribuições, estão o registro e a fiscalização do exercício profissional, o zelo pelo cumprimento do Código de Ética Profissional do Museólogo, bem como a promoção de ações orientativas e educativas voltadas ao fortalecimento da Museologia como campo científico e profissional. O COREM 5R também atua como instância consultiva e propositiva com órgãos governamentais e entidades da sociedade civil.

Ao assegurar a qualificação técnica dos profissionais e a observância das normas éticas e legais, contribui diretamente para a preservação, valorização e difusão do patrimônio cultural da região, promovendo uma Museologia comprometida com a legislação brasileira, com a responsabilidade social e solidária, com a sustentabilidade e com o fortalecimento das identidades locais.

Dessa forma, o Conselho Regional de Museologia da 5ª Região reafirma seu compromisso institucional com a sociedade, com os museólogos e com a proteção e valorização do patrimônio cultural nos estados de Santa Catarina e Paraná.

SITE

www.corem5r.org.br

INSTAGRAM

[@corem5r](https://www.instagram.com/corem5r)

E-MAIL PRESIDÊNCIA

presidente.corem5r@gmail.com

E-MAIL SECRETARIA

contato@corem5r.org.br

E-MAIL TESOUREARIA

tesourariacorem5r@gmail.com

ENDEREÇO COREM 5R

Av. Mauro Ramos, 1344 - Centro
Florianópolis/SC CEP: 88020-302

WHATSAPP COREM 5R

48 9 9994.5855